

Em compensação, Paulo Galo

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Nota no FaceBook e no Twitter, 20.07.2020

A popularidade de Bolsonaro, segundo a pesquisa da XP que partiu de um ruim e péssimo de 20 por cento em janeiro deste ano, depois de piorar consistentemente chegou em 50 por cento em 18 de maio. A partir dessa data, porém, houve uma melhoria modesta, mas significativa: a resposta ruim e péssimo baixou para 45 por cento em 20 de julho deste mês. Essa melhoria foi praticamente igual nas três classes de renda da pesquisa. Não foi, portanto, o Auxílio Emergencial o fato novo que a explica. O que seria, então? A firme posição do presidente contra os isolamentos e distanciamentos? Pode ser, mas o número de mortes não para de aumentar, há um genocídio em marcha, e não há qualquer dúvida que ele se deve ao governo federal haver dificultado a tarefa dos governadores e prefeitos. Porque Bolsonaro parou de agredir a todos depois que Queiroz foi preso? Talvez.

Eu continuo a prever a desmoralização crescente desse senhor, mas talvez esteja sendo otimista. Esther Solano, em sua coluna na Carta Capital, disse que ela só sabe “que vivemos num Brasil que tem mais de apartheid do que de convívio. Tanto que nem sequer conseguimos entender que o que não faz sentido para nós, faz sentido para milhões de brasileiros”. Ela tem razão. Há na sociedade brasileira um Brasil velho formado por pessoas de todas as classes que não sabem avaliar minimamente os políticos.

Mas em compensação há um Brasil novo, como o de Paulo Galo, o jovem líder dos Entregadores Antifascistas, que deu uma entrevista no Youtube à plataforma Cidades Br na qual revela uma inteligência, um equilíbrio e uma radicalidade impressionantes. Neste Brasil tão triste, surgirem jovens como Paulo Galo é uma coisa ótima.
(<https://youtu.be/Lu653hXjTKs>)